

TRABALHO, RELIGIÃO E FAMÍLIA: RELATOS DE REGIONALIDADE NO ROMANCE *A COCANHA*

WORK, RELIGION AND FAMILY: REGIONALITY REPORTS IN THE ROMANCE *A COCANHA*

Emanuele Mendonça de FREITAS¹

Márcio Miranda ALVES²

Resumo: Este artigo analisa os relatos de regionalidade presentes na obra ficcional *A cocanha*, de José Clemente Pozenato, publicada em 2000 e que, acompanhada por *O quatrilho* e *A Babilônia*, compõe uma trilogia acerca da imigração italiana no Sul do Brasil. A análise concentra-se nas questões relacionadas ao trabalho, à religiosidade e à condição da mulher no núcleo familiar, elementos importantes para a caracterização do grupo social formado por imigrantes e descendentes. Utiliza-se como aporte teórico os apontamentos de Santos (2009), sobre relatos de regionalidade, e de Pozenato (2003), sobre regionalidade.

Palavras-chave: Regionalidade. Imigração Italiana. José Clemente Pozenato. Literatura Brasileira.

Abstract: This article analyzes the reports of regionality present in the novel *A cocanha*, by José Clemente Pozenato, published in 2000 and which, along with *O quatrilho* and *A Babilônia*, composes a trilogy about Italian immigration in Southern Brazil. The analysis focuses on the issues related to work, religiosity and the condition of women in the family nucleus, important elements for the characterization of the social group formed by immigrants and their descendants. The contributions of Santos (2009) about regionality reports and Pozenato (2003) about regionality are used as a theoretical contribution.

Keywords: Regionality. Italian immigration. José Clemente Pozenato. Brazilian Literature.

Introdução

A imigração italiana no Rio Grande do Sul trouxe consigo novos hábitos e costumes que, aos poucos, passaram a constituir a(s) identidade(s) do grupo social do Sul. Muito embora a imagem simbólica do tipo gaúcho ainda persista como aquele homem de bombacha, que toma chimarrão e tem um discurso de preservação das tradições, cujas referências passam necessariamente pela valorização do culto ao heroísmo da guerra e ao separatismo em relação ao centro do país, os imigrantes e seus descendentes, ao

¹ Bolsista PROSUP/CAPEs de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

² Doutor em Letras pela USP. Professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

apontarem para outras perspectivas identitárias, têm um papel importante na formação da cultura regional sulina.

Justamente por causa do lento processo de inserção na sociedade gaúcha, o imigrante italiano raramente foi uma figura de interesse para os ficcionistas. Por estar à margem dos círculos de poder, políticos e econômicos, ele não significava matéria rica o suficiente para protagonizar as narrativas ficcionais, sendo preterido pelo homem do Pampa ou pelo pequeno burguês em vias de adaptação no centro urbano. As experiências de representação da comunidade italiana, em geral, foram promovidas por autores oriundos da região de colonização italiana, cujas obras publicadas em pequenas editoras regionais ficaram restritas aos leitores dessa mesma região e, além disso, dificilmente aparecem nos compêndios da história da literatura.

José Clemente Pozenato foi um dos primeiros, senão o primeiro, a transpor as barreiras do regional ao trabalhar essencialmente com a saga dos imigrantes e seus descendentes. Sempre lembrado pelo romance *O quatrilho*, que foi adaptado ao cinema, Pozenato procura escrever a história da imigração evitando a carga de conteúdo ideológico que sempre esteve presente no discurso sobre os valores desses imigrantes. Dessa forma, a trilogia formada por *O quatrilho* (1985), *A cocanha* (2000) e *A Babilônia* (2006) apresenta um quadro amplo sobre a saga da imigração, mostrando tanto os hábitos e costumes nas relações internas do grupo quanto o seu processo de adaptação e aceitação junto aos luso-brasileiros.

Uma narrativa alicerçada em eventos históricos e representações sociais implica no tratamento ficcional de particularidades que constituem a própria essência do grupo. Nos caso dos imigrantes, essas particularidades – entendidas nesse contexto como regionalidades³ – tratam tanto de coisas e objetos visíveis e “palpáveis”, como os alimentos, o vestuário e os utensílios domésticos, quanto comportamentos relacionados ao enaltecimento das práticas religiosas, união familiar e preservação das tradições.

³O próprio Pozenato define a regionalidade como uma rede de relações que constituem a região. O termo, ainda novo nos estudos literários, pode ser utilizado para "identificar e descrever todas as relações do fato literário com uma dada região". (POZENATO, 2003, p. 7). Geertz (2003, p. 151) complementa esse raciocínio ao afirmar que "a existência de uma rede de relações de tipo regional num determinado espaço ou acontecimento não os reduz a espaços e acontecimentos puramente regionais. Serão regionais enquanto vistos em sua regionalidade".

Nesse sentido, são essas regionalidades que fazem um grupo ser identificado e se diferenciar de outro. No plano do discurso, seja ele histórico ou literário, as regionalidades podem assumir diferentes conotações, ora revelando um modo de ser e agir de um ponto de vista mais próximo da realidade, ora persistindo em imagens no plano simbólico de forma a fortalecer uma determinada característica do grupo. Esse fenômeno, quando circunscrito ao espaço de uma região específica, tem como protagonista um "sujeito semantizador" (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 31), que atribui a essa região uma particularidade a fim de dar um sentido a ele próprio. Então, por meio da interação desse sujeito, serão constituídas a identidade, a lealdade, a proteção e o sentimento de pertencimento.

Na ficção de Pozenato, mais precisamente em *A cocanha*, objeto de análise deste artigo, estão presentes inúmeros "relatos de regionalidade", muitos dos quais estão presentes no discurso histórico oficial e são reconhecidos e reproduzidos no imaginário coletivo. Dessa forma, procura-se observar como, no âmbito da ficção, esses relatos podem ser encarados como "chaves de interpretação" (SANTOS, 2009, p.16), uma vez que envolvem a apreensão e a interpretação de uma densidade cultural.

Na acepção de Santos (2009, p. 16), "os *relatos de regionalidade* não são transposições da região (ou do regional) para a linguagem. Antes, eles são co-produtores de regionalidades, na medida em que se constituem de sentidos partilhados e, lembrando Weber, *reciprocamente referidos*". Assim, busca-se neste artigo analisar as significações, no plano das representações, de alguns desses relatos de regionalidade, que apontam para a caracterização de um grupo social e uma região em aspectos como a religião, o trabalho e as relações de gênero.

Sonho e realidade na Terra da Cocanha

Na obra de José Clemente Pozenato, pode-se encontrar diversos relatos de regionalidade, seja da cultura italiana, seja da brasileira. *A cocanha* aborda a vinda dos imigrantes para o Brasil e sua instalação na Colônia de Caxias, no sul do país. Na época, panfletos divulgavam as maravilhas do país da Cocanha para os italianos, com o intuito de incentivá-los a emigrar. Entre os benefícios que seriam encontrados na nova terra, estavam a abundância, a ociosidade, a juventude e a liberdade. Nesse contexto, a visão de um lugar cheio de oportunidades e rico em mantimentos funcionava como um combustível para a coragem de abandonar a terra natal em busca de uma vida melhor, que

poderia ser conquista sem muito esforço. Apesar disso, ao analisar os pensamentos de Aurélio Gardone, descritos no início da obra *A cocanha*, percebe-se que os italianos não acreditavam que encontrariam salames pendurados em árvores ou pedras feitas de queijo, embora visse na ida para a América a oportunidade de ser dono da própria terra e de não precisar repartir a colheita com outras pessoas (POZENATO, 2011, p. 14).

Segundo Le Goff,

a Cocanha é um mundo sem instrumentos, sem utensílios, sem máquinas. O pão está ausente dali talvez porque o trabalho de moagem não existe. O vinho está presente porque não é produto do lugar, corre em estado natural no riacho. Os alimentos, já cozidos, caem na boca dos homens e das mulheres, assim como as aves, que nesse mundo ao inverso não sobem, descem (LE GOFF, 1998, p. 9).

Embora os personagens imigrantes de Pozenato não acreditassem na possibilidade de existir uma realidade assim, com rios de uva e comida pronta caindo do céu, pensavam que teriam uma vida melhor do que a que possuíam na Itália. Ou seja, mesmo não acreditando na existência de um lugar maravilhoso como indicava o mito da cocanha, era bom pensar dessa forma. Em certo momento, o personagem Domênico menciona que os amigos não teriam motivo para reclamar da viagem, já que receberiam mais comida do que possuíam em suas casas na Itália. Assim, a disponibilidade de alimentos não garante apenas o sustento para a sobrevivência, mas também indica uma condição social almejada pelo imigrante.

No entanto, logo na chegada as primeiras impressões são bem diferentes daquelas sonhadas pelos imigrantes. Além da carência de recursos, os hábitos alimentares impõem as primeiras dificuldades, colocando regionalidades em confronto. Os imigrantes italianos não tinham contato com negros escravos, muito menos com o chimarrão. Em certa ocasião, uma negra traz uma chaleira para o conde e seus visitantes, que pensam se tratar de café, mas ficam surpresos com o ritual do preparo da substância que deve ser compartilhada de boca em boca.

[...] Um negro, de pés descalços, apanhou a chaleira e se pôs de cócoras, despejando água quente no recipiente cheio de erva em pó, é o que parecia aquela coisa verde, com um canudo, ou uma colher de prata, dentro dela. O conde apanhou o recipiente e chupou daquela água, em goles vagarosos, enquanto parecia pensar. Para surpresa de Aurélio, mandou que o negro entregasse aquilo na mão dele. Ele recusou, constrangido. Na verdade, com nojo. Cósimo, Padovan e os outros igualmente recusaram (POZENATO, 2011, p. 113).

Em seguida, o conde afirma que em breve eles se acostumarão com a bebida e que ele conhece diversos italianos que já bebem chimarrão. Um pouco mais adiante na narrativa, as mulheres italianas se reúnem após a saída dos maridos e, depois da janta, começam a relembrar a viagem de navio e a chegada ao Brasil, ressaltando "as situações cômicas de confundir farinha de mandioca com queijo ralado, de pensar que a garrafa de cachaça era água benta para fazer o sinal da cruz" (POZENATO, 2011, p. 122). Em ambos os relatos, é possível perceber aspectos que, até aquele momento, eram desconhecidos dos imigrantes italianos, mas que, aos poucos, foram incorporados ao seu dia a dia. Segundo Arendt (2009, p. 6), no romance *A cocanha*, "a integração dos imigrantes não se deu sem sacrifícios, já que parte das referências simbólicas trazidas no imaginário teve que ser substituída por valores culturais vigentes na nova terra".

Percebe-se que, em determinados momentos da narrativa, os imigrantes sentem-se nostálgicos e relembram os costumes que tinham na Itália, geralmente associados à comida. É o caso de Aurélio Gardone que, ao iniciar sua primeira colheita de trigo na América, reflete sobre a diferença desta em relação à colheita de trigo na Itália, quando "iam em grupo, homens e mulheres, rapazes e moças, com grandes chapéus de palha, e cantavam o tempo todo. Juntos faziam os feixes e, quando as medas ficavam prontas, dançavam ao redor delas" (POZENATO, 2011, p. 217). O personagem sente-se alegre devido ao trigo ser todo dele, mas ao mesmo tempo pensa nos sacrifícios que precisou fazer para consegui-lo e no fato de ter que fazer a colheita sozinho, sem nenhuma festa, o que traz à tona uma nova característica de regionalidade e denota o processo de aculturação que afeta o personagem.

Há também diversas descrições dos alimentos preparados por eles, desde a conhecida e lembrada polenta, até as passarinhadas, a sopa de *agnoline*, o vinho, o *pien* – "embutido na pele do pescoço das galinhas" (POZENATO, 2011, p. 264) –, o *risoto*, o queijo e o salame, que eram bastante consumidos na época. Essas opções que os imigrantes tinham ainda estão presentes na cultura regional atual, sendo consumidos pelos mais diversos membros da sociedade. Também são mencionados alguns alimentos que, até então, eram desconhecidos para os imigrantes, os quais afirmam que a comida era estranha, na ocasião em que foi servido "um feijão preto como carvão, misturado com alguma espécie de farinha, a carne com cheiro forte, de coisa podre, é que não agradou muito" (POZENATO, 2011, p. 69). Além do charque, sentido como uma carne que parecia estragada, também são feitas referências à manga e ao beiju.

Nesse sentido, Bonafé (2007, p. 141), ao analisar o livro *O quatrilho*, observa que, no que tange à gastronomia, "na obra ela [a gastronomia] não foi apenas descrita, mas, por meio dela, demonstrada a condição social e financeira do imigrante, enfatizando a do colonizador italiano". O mesmo ocorre em *A cocanha*, com a diferença de abordar uma época em que a dificuldade de transição cultural era mais acentuada por conta da novidade recente.⁴ Dessa forma, os relatos de regionalidade no que se referem às práticas alimentares indicam primeiramente os objetivos de um grupo que aceita o mito da cocanha como a última esperança de uma vida melhor, cuja fartura à mesa pode sinalizar uma certa estabilidade familiar e, além disso, uma condição superior na escala social. Em segundo lugar, esses relatos também acentuam algumas diferenças culturais de dois grupos distintos, os italianos e os luso-brasileiros, ambos em processo de aculturação.

Trabalho e religiosidade

Presentes tanto no discurso histórico e literário quanto no imaginário popular, a fé e o trabalho podem ser considerados a base de sustentação da identidade dos imigrantes italianos. Os relatos de regionalidade em relação a esses dois valores são, portanto, essenciais para se compreender a condição social do grupo, notadamente de distinção em relação a outros. Em diversos momentos da narrativa de *A cocanha* são citadas diferenças entre os imigrantes italianos e os nativos luso-brasileiros. Muitas dessas comparações são realizadas por José Bernardino, o poeta, que faz anotações "para um romance realista" (POZENATO, 2011, p. 182). É o caso, por exemplo, das descrições acerca das moradias dos imigrantes, que são comparadas com as habitações dos tropeiros, afirmando que, no caso dos italianos,

cada propriedade tinha um pequeno aglomerado de construções. Além da casa e da cozinha, sempre separadas e distantes oito ou dez metros, havia algum abrigo para as galinhas, o chiqueiro para um ou dois porcos, um telhado para o cavalo e a vaca. E havia sempre alguns pés de parreira em latada, agora com os cachos de uva ainda verde, os grãos miúdos. E também outras árvores carregadas de frutas que estariam maduras neste verão. Figos, pêssegos, peras. Nas encostas, as manchas amarelas das restevas de trigo e cevada, e as outras, de um verde escuro, das plantações viçosas de milho. Bem diferente das moradias dos tropeiros de Cima da Serra, com apenas o rancho, o terreiro de chão batido e um cachorro latindo (POZENATO, 2011, p. 226).

⁴ No tempo cronológico da saga, a trama de *O quatrilho* é posterior a de *A cocanha*.

Fica explicitada no trecho a superioridade da habitação dos imigrantes, não apenas do ponto de vista arquitetônico, mas, mais importante, pela fartura de plantas frutíferas e das plantações que fornecem o alimento e confirmam a concretização da “cocanha”. Implícita no excerto está a capacidade que o imigrante tem para trabalhar em sua propriedade, tornando-a mais confortável e provedora de recursos. Mais adiante, essa qualidade inata para o trabalho significa o sucesso dos empreendimentos comerciais e industriais.

Assim, por meio dos relatos presentes na história da ficção, os imigrantes italianos surgem como trabalhadores dedicados e ambiciosos. Diferentemente do discurso reproduzido nas esferas oficiais, que enaltece a habilidade superior do imigrante para o trabalho e que adquire contornos ideológicos, na ficção de Pozenato essa característica não se manifesta despida de uma crítica sutil, porém reveladora, em que a dedicação ao labor e a ambição para melhorar de vida indicam por vezes certos defeitos de personalidade e não necessariamente o mérito de um grupo social.

Em certo momento, durante um diálogo entre Bento e José Bernardino, este ouve um italiano referindo-se aos nativos como “peladròn”, palavra utilizada para designar alguém preguiçoso, que não gosta de trabalhar. Bernardino não entende o sentido do xingamento e pede uma explicação.

- Ah, é isso? Nós somos os que não trabalham?

- Sejam francos, Zé Bernardino. Quem trabalha por nós são os escravos, e agora eles, os imigrantes. Eles nos dão lição de trabalho. Estou aqui desde o começo e é incrível o que eles conseguiram nesse pouco tempo. Eles se matam de trabalhar. Todos, homens, mulheres, até as crianças (POZENATO, 2011, p. 206).

Esse relato torna possível perceber que o imigrante italiano via o trabalho como um dos valores que devia ser cultivado, algo que faz parte do discurso laudatório em torno do descendente imigrante até os dias de hoje. Isso ocorre seja no culto aos lugares de memória, como é o caso do Monumento ao Imigrante, na cidade de Caxias do Sul, seja por meio de discursos oficiais como os da Festa da Uva, evento bianual que promove a exuberância do desenvolvimento conquistado pelo imigrante pela força do trabalho. No diálogo entre Bento e Zé Bernardino fica evidente que a leitura feita pelo imigrante em relação ao comportamento do nativo tem sentido. Ou seja, o luso-brasileiro delegava o trabalho aos escravos e qualquer atividade braçal não era bem vista nos padrões de regionalidade locais. Para o imigrante, acostumado a cultivar a terra e a dominar as

ferramentas, o brasileiro não passava de um “peladròn”. Bento admite isso e ainda reforça o discurso que enaltece a capacidade do imigrante para o trabalho.

Paralelamente ao trabalho, outro valor presente na cultura de imigração italiana é a religiosidade, que também compõe os relatos de regionalidade em *A cocanha*. Isso aparece desde o momento que estão no navio, em viagem ao Brasil, e rezam pedindo proteção e coragem. Mais tarde, já na colônia de Caxias, o Engenheiro Chefe Góes comenta que os imigrantes são muito religiosos e, por isso, têm mais paciência para enfrentar as adversidades. No entanto, embora esteja presente no romance como um valor importante para o imigrante, acentuado na narrativa na construção da igreja e das visitas do padre às famílias, a prática religiosa não chega a ser exaltada pelo escritor. Ao contrário, muitas vezes as ações dos personagens denotam o paradoxo entre o discurso e a prática.

No decorrer da leitura, percebe-se que essa crença é permeada por uma questão de status, estando inserida em um contexto de inveja, mesquinha e ambição. A construção da igreja, que deveria ser um projeto coletivo e comunitário, transforma-se em motivo de polêmica, uma vez que cada personagem deseja que ela represente o santo pelo qual tem simpatia. Como os homens não conseguem chegar a um acordo, são construídas diversas igrejas, de maneira que cada grupo possa exaltar a sua fé em um santo em particular.

Nesse contexto em que a prática religiosa torna-se uma prática de socialização, muitos frequentadores vão à igreja aos domingos não por causa da crença, mas, como afirma José Bernardino, por ser "uma oportunidade de vida social" (POZENATO, 2011, p. 185). Alegando que a igreja era pequena demais para todos, participavam de uma quermesse com jogos, comida e bebida que era realizada na praça em frente ao santuário. As mulheres, no entanto, embora praticantes da fé religiosa, não eram consultadas em relação à construção das igrejas e, menos ainda, no que tangia ao santo que seria homenageado por elas. As percepções em relação a esses costumes, nas quais o narrador deixa transparecer uma crítica que, de certa forma, coloca em xeque a sua validade, são apresentadas nas observações do personagem José Bernardino. Em certo momento ele afirma ser estranho o fato de que

raras são as mulheres e crianças que chegam a cavalo. Quem vem montado são os homens. Quem vem a pé, traz o calçado na mão e só o coloca antes de entrar na igreja. Estranho também é que os homens não parecem ter a mesma devoção

das mulheres. Mesmo durante a missa, muitos ficam do lado de fora (POZENATO, 2011, p. 185).

Assim, fica explícito o paternalismo nas relações familiares, em que apenas o homem tem direito de andar a cavalo, bem como a importância de exibir aos outros um calçado limpo – o que não deixa de significar certa superioridade de classe quando as comparações tornam-se inevitáveis – e, não menos importante, o fato de os homens darem mais importância ao santo que dará nome à igreja do que a frequentá-la.

Bonafé (2007, p. 145), ainda em análise da obra *O quatrilho*, relacionando-a com depoimentos de catorze mulheres da cidade de Casca (RS), menciona que "os ambientes familiares das personagens da obra apresentam características da cultura da imigração italiana expressas na oralidade, demonstradas por meio da prática religiosa e da força da fé, vistos como valores priorizados". Apesar de os discursos ficcionais muitas vezes encontrarem eco na sociedade, e vice-versa, torna-se imprescindível identificar se o escritor busca desmitificar essas práticas, relativizando o tom dos relatos, ou se as reproduz pura e simplesmente, às vezes de forma laudatória, cuja marca encontra-se com facilidade em algumas obras regionalistas, nas quais se identifica um discurso como programa ou paradigma.

No caso de *A cocanha*, José Clemente Pozenato expõe o tema da imigração de um ponto de vista menos condescendente, na medida em que os homens veem a fé como uma forma de demonstrar sua condição social, ou seja, a construção de uma igreja, por exemplo, mostrava para a sociedade que as pessoas possuíam mais dinheiro e, conseqüentemente, tinham "melhorado de vida". Isso transparece na fala do Padre Giobbe, quando afirma que "o desejo de uma bela igreja tinha também a ver com razões mundanas, de sentir e mostrar o próprio sucesso ou até de fazer inveja aos vizinhos" (POZENATO, 2011, p. 318). Essa interpretação crítica de regionalidade, vinda do próprio padre, não pode ser menosprezada. Aurélio Gardone também menciona essa questão de status social, uma vez que, quando consultado por Cósimo em relação à construção de uma igreja, aprova a ideia, pois "era mais um sinal de que o pior tinha passado e já podiam pensar no futuro. O que tanto tinham esperado começava a acontecer" (POZENATO, 2011, p. 260).

As mulheres, por outro lado, eram mais devotas à prática religiosa, o que não significa que também não possuíssem desejos mundanos. Quando Aurélio termina a construção da casa e pergunta para a esposa se ainda falta algo, Rosa diz somente que

gostaria de uma prateleira para colocar a santa, que havia trazido da Itália. O marido, então, atende prontamente ao pedido, serrando uma tábua e pregando-a na parede. Quando ele termina a tarefa, "Rosa tirou do fundo do baú o quadro da Madona e a toalhinha de crochê. Entronizou a Madona na prateleira e disse, como se falasse para uma amiga: – Cuida bem desta casa" (POZENATO, 2011, p. 145). O que está implícito na oração, que pede proteção para o lar, é o desejo de preservação da família e de progresso material, cuja realização depende da confluência da fé e do trabalho.

A mulher imigrante

Além das questões relacionadas ao trabalho e à religiosidade dos imigrantes italianos, *A cocanha* também permite uma análise sobre os relatos de regionalidade no que concerne à representação da personagem feminina no contexto da imigração. Na medida em que a família consiste em uma das bases de sustentação do modelo de “ser italiano” – juntamente com a religião e o trabalho –, a ficção de Pozenato traz à tona, inevitavelmente, as formas de relação entre homens e mulheres no período representado.

Segundo Zinani (2009, p. 149), "a imagem de mulher do fim do século XIX, a partir do modelo androcêntrico, tem na obra de Michelet, publicada em 1859, o seu mais prescritivo retrato: submissa, recatada, trabalhadeira, especialmente submissa". Nesse sentido, também Santos (2010, p. 177) afirma que,

no momento em que as famílias passam a se organizar por pares e não mais por grupos, impõe-se à mulher fidelidade irrestrita, consolidando ainda mais a supremacia masculina. Com a abolição das sociedades matrilineares, estabelece-se a família patriarcal, cujo poder centra-se na figura do pai, e a ele os demais membros devem inquestionável obediência.

Ao analisar as palavras das autoras, percebe-se que o comportamento padrão que se espera das mulheres tem raízes patriarcais e está relacionado à ideia de submissão, recato e fidelidade. Além disso, Santos (2010) comenta que o direito de ir e vir, decidir o destino político da nação e de exercer poder sobre a família pertenciam no passado não muito distante ao homem, estando sujeitas a ele as mulheres, esposas e filhas. A obra ficcional de Pozenato também desvela, de certa forma, essa relação entre os gêneros. Em determinado momento, Giulietta menciona que, ao casar, aprendeu que

antes ainda do marido, devia obediência a dois outros homens. Quando levava a polenta para a mesa, devia primeiro servir o pai do Antônio. A seguir o tio Orestes, um solteirão de mais de cinquenta anos. Depois dele, o marido.

Finalmente, o cunhado Natalino, que ainda não tinha casado. Só depois de servi-los em ordem de autoridade podia sentar-se com a sogra, as cunhadas e as crianças, na escada que subia para os quartos de dormir, de prato na mão. E sempre atenta aos homens que comiam à mesa, de chapéu na cabeça. Se um deles fizesse um sinal, ou dissesse 'tu, mulher', ela devia dizer 'senhor' e correr de imediato para atender (POZENATO, 2011, p. 39).

A relação de submissão da mulher também aparece quando Antônio, marido de Julieta, afirma que, para ele, a mulher servia somente para ser mãe de seus filhos. Dessa forma, a literatura não deixa de ser fiel, pelo menos em parte, à realidade, uma vez que o patriarcalismo também era uma marca da sociedade italiana em processo de adaptação ao Brasil. Bonafé (2007) corrobora a existência dessa visão em relação à mulher, tanto na cultura de imigração italiana quanto na obra de Pozenato, quando afirma que

a mulher, nessa cultura, era vista como uma escrava, prestadora de serviço. Essa ideia de mulher servidora e obediente pode ser verificada também quanto ao costume da administração familiar, descrito tanto nas entrevistas como refletida pelo modo de agir e pensar das personagens, o que revela, mais uma vez, a presença da cultura oral da comunidade italiana na literatura em seus diferentes aspectos (BONAFÉ, 2007, p. 137).

No entanto, a ficção de Pozenato apresenta uma espécie de alternativa a essa situação, evidenciando que, mesmo de forma tímida, já havia condições para se discutir certa liberdade à mulher da época. Essa indicação não vem de uma personagem feminina, quiçá por uma questão de verossimilhança, mas do escritor José Bernardino, que trabalha na Comissão de Terras da Colônia de Caxias. Membro da Sociedade Partenon Literário, de Porto Alegre, Bernardino testemunha a participação de mulheres nesse grupo, o que o leva a ter e expressar uma visão diferente da tradicional.⁵

No decorrer da história, o escritor José Bernardino compartilha com os leitores seus "relatos para um romance realista" (POZENATO, 2011), nos quais afirma que, além de as mulheres sofrerem diversas agruras físicas e mentais dos companheiros, ainda enfrentavam a pena da servidão. O personagem-escritor afirma que, embora a palavra possa parecer excessiva, uma vez que, na relação com os maridos também estava presente o livre-arbítrio e, até mesmo, um pouco de afeto, elas não eram tratadas com consideração ou respeito, acontecimento que causava estranheza a ele, quando comparado com a maneira como as esposas eram tratadas pelos maridos brasileiros (POZENATO, 2011).

⁵Segundo Santos (2010, p. 26), o Partenon Literário tinha, entre seus objetivos, um que "aventava 'libertar a mulher de certos preconceitos e atraí-la a cultivar o espírito – em reuniões literárias como pela imprensa e o livro'."

Em sua pesquisa sobre o contexto social da região de colonização italiana, Bonafé (2007, p. 47) comenta que o lar era administrado pelo homem, "o qual determinava tudo sem levar em conta os sentimentos da mulher. Embora a mulher sofresse com as decisões do marido, tinha de aceitar tudo calada; nem mesmo se fosse maltratada podia manifestar os maus-tratos socialmente". Essa submissão é visível em *A cocanha*, em situações semelhantes a quando Giulieta engravida e tem uma filha mulher, o que deixa Antônio contrariado. Posteriormente, ao dar à luz outras filhas mulheres, ela passa a ser humilhada pelo marido justamente por não gerar filhos homens: "até o dia em que ela, cansada de ouvir, retrucou que o defeito podia ser dele, ele é que não era capaz de fazer um homem. Antônio ficara então totalmente fora de si e a esbofeteara" (POZENATO, 2011, p. 245).

A representação da mulher como objeto de procriação vai ao encontro dos estudos historiográficos. Figueiredo (1995, p. 154), por exemplo, afirma que

os maridos deviam mostrar-se dominadores, voluntariosos no exercício da vontade patriarcal, insensíveis e egoístas. As mulheres apresentavam-se como fiéis, submissas, recolhidas e, sobretudo, fecundas. Tinham que produzir tantos filhos quanto as regras da comunidade exigiam e também satisfazer a seus parceiros. Sua tarefa mais importante era a procriação, sendo sua sexualidade recreativa gradativamente abandonada.

Um pouco mais adiante na história, Antônio procura a esposa durante a noite e ela se recusa a atendê-lo, dizendo-lhe que procurasse outra mulher que lhe desse um filho homem. Ele, fora de si, açoita a mulher com o chicote. No dia seguinte, buscando fugir dos maus-tratos, Giulieta dirige-se a Caxias e hospeda-se na casa de Eugênia, uma das mulheres que conhecera no navio. No período em que fica ali, encontra-se com Domênico, com quem acaba tendo um caso em duas visitas a uma cascata. Desse breve relacionamento, posteriormente, nasce Teresa. Gema, irmã de Giulieta, convence-a a voltar para o marido, dizendo que ela tinha obrigações para cumprir no matrimônio. Giulieta então volta para casa, sentindo-se vingada e prometendo a si mesma que, a partir de então, viveria "com o corpo à disposição do marido e a mente cheia da lembrança dos passeios à cascata" (POZENATO, 2011, p. 248). Nesse episódio, que envolve Giulieta e o amante, transparece uma rebeldia que indica uma fuga da mulher à opressão e à agressão do homem. Muito embora Giulieta continue ao lado do marido, preservando o estatuto do casamento, pelo menos em pensamento, ela conquista a sua liberdade, já que passa a viver

de lembranças agradáveis que são a maneira encontrada para suportar os maus-tratos do companheiro.

Além de gestos como esse, que denotam uma posição de denúncia e questionamento social do autor do romance, a participação do personagem-escritor José Bernardino também indica algo nesse sentido. Bernardino apresenta uma postura de crítica social para a época, pois, segundo ele, a mulher

era mantida, dissera com todas as letras, na mesma condição dos negros escravos: serviçal e analfabeta. Ele queria uma educação do sexo feminino nas mesmas condições do homem. E, para escândalo geral, a participação da mulher no trabalho, em todas as profissões. Uma luta que já dava frutos: depois de intensa batalha, fora permitido, há alguns anos, o ingresso de mulheres nas faculdades de medicina no Brasil (POZENATO, 2011, p. 163).

Embora a situação estivesse começando a se modificar, mais notadamente nos centros urbanos maiores, as mulheres ainda estavam distantes de conseguir maior autonomia de direitos. Naquela época, até mesmo a educação era voltada para transformar a mulher em alguém responsável pelo lar, submissa aos homens. Em *A cocanha*, Rosa, ao relembrar o passado, menciona que, quando mais nova, ia para as novenas, festas e missas de braços dados com as amigas, ocasião em que elas não podiam falar sozinhas com os rapazes. Se fossem vistas fazendo isso, o gesto seria considerado uma desonra para a família porque comprometeria a reputação das moças.

Nesse sentido, Pedro (2000) afirma que, com o surgimento de ideias positivistas, a mulher passou a ser identificada como oriunda de uma natureza complementar à do homem e, "embora não tivesse inteligência inferior, ficava confinada ao espaço privado, considerado lugar sagrado e formador de novos seres humanos" (PEDRO, 2000, p. 299). Isso também pode ser percebido na obra de Pozenato (2011), quando o narrador menciona que

Júlio de Castilhos, em seus candentes artigos doutrinários, reservava à mulher o papel, para ele transcendente, de "anjo do lar". José Bernardino já apenas sorria ao ler essas palavras pomposas, que lhe soavam como enorme hipocrisia. Só as próprias mulheres, com muita luta, iriam conseguir algum dia sua emancipação (POZENATO, 2011, p. 252).

No contexto histórico representado, não se cogitava dar à mulher o direito do voto. Para os homens, os assuntos sérios deveriam ser resolvidos por eles, uma prerrogativa que também se manifesta em *A cocanha*. Quando os homens se encontram na bodega do Miro para falar sobre a construção de uma igreja e definir o santo que seria

homenageado, nenhuma mulher está presente, apesar de em geral elas serem mais devotas do que os homens. Em representações como essa, percebe-se que Pozenato procura desconstruir a imagem modelar do núcleo familiar do imigrante, permitindo que os leitores vejam o grupo de uma forma diferente. Ou seja, se por um lado ainda prevalece o discurso que elege a união da família como elemento essencial da cultura dos imigrantes, por outro a ficção deixa transparecer que não havia nada de novo nas relações entre homens e mulheres “italianas”. O patriarcalismo regia as relações familiares também nesse grupo social.

Considerações Finais

Ao analisar os relatos de regionalidade presentes na narrativa de *A cocanha*, nota-se que a fé, tão referenciada como uma característica superior dos imigrantes italianos, não era somente uma questão de religiosidade. Muitas vezes torna-se mais uma questão de expressão da condição social e financeira do que de respeito ou crença em uma entidade superior. A missa, para muitos, era uma oportunidade para confraternizar, participar da quermesse, comer, beber e jogar, hábitos explorados no enredo da obra e que revelam a preocupação do escritor com a verossimilhança histórica. Da mesma forma, a dedicação ao trabalho também se traduz como um elemento importante de reconhecimento do grupo, mas a narrativa credita a esse aspecto seu verdadeiro sentido. A importância dada ao labor, no romance, tem a ver com questões históricas e culturais que colocaram italianos, luso-brasileiros e negros em situações diferentes.

Assim, Pozenato não exalta as qualidades do imigrante de uma forma ingênua, nem desvaloriza o que de “real” possa exigir nos tipos humanos que se deslocaram da Itália em busca de melhores condições de vida no Brasil e creditavam o sucesso ou o malogro a uma questão de fé. O escritor apresenta o lado positivo e o negativo das experiências dos imigrantes, cujo painel que se ergue revela tanto os acertos quanto as contrafações de um grupo social.

Se por um lado a religiosidade revela-se também em seus aspectos menos valorosos, por outro as mulheres não aparecem na história como heroínas, mas como pessoas que enfrentaram dificuldades e sofrimentos, vivendo submissas aos homens. Muitas delas deixam sua família na Itália para acompanhar os maridos, mas essa parceria não garante o direito à opinião em assuntos considerados de exclusividade dos homens, como a construção de casas, igrejas e questões econômicas outras. No entanto, algumas

atitudes já indicam alguma mudança em curso, como as observações do personagem-escritor, determinado a mudar os rumos do comportamento que rege as relações familiares.

Nesse contexto, levando em conta os eventos mencionados, percebe-se que a obra de Pozenato é composta por diversos *relatos de regionalidade*, que trazem a região de colonização italiana para o centro da ficção literária, apresentando elementos culturais diferentes e a forma como eles foram incorporados à sociedade brasileira. Como “co-produtores de regionalidades”, como define Santos (2009, p. 16), esses relatos no âmbito do romance reafirmam certas práticas que permitem a identificação do grupo, garantindo a verossimilhança, ao mesmo tempo que em relativiza o tom dos discursos e apresenta vias alternativas de compreensão das particularidades regionais.

O romance *A cocanha* aborda um tema regional, buscando desmitificar a história da imigração, que muitas vezes apresenta o italiano como um herói que conquistou o progresso e desenvolveu a cidade com base somente em valores como trabalho e fé. Na perspectiva da ficção, os imigrantes e seus descendentes são pessoas comuns, com qualidades e defeitos, que enfrentaram muitas dificuldades na transição entre Itália e Brasil, mas não venceram apenas por possuírem alguma força congênita. Eles são resultado do processo histórico e, nessa acepção, possuidores de características ainda abertas a análises e interpretações.

Referências

BONAFÉ, Marilene de Carli. *Memória, literatura e cultura: as vozes de mulheres italianas*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary Del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 141-188.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

JOACHIMSTHALER, Jürgen. A literarização da região e a regionalização da literatura. *Antares: Letras e Humanidades*, n. 2, p. 27-60, 2009.

PEDRO, Maria Joana. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 278-321.

POZENATO, José Clemente. *A cocanha*. Caxias do Sul: Editora Maneco, 2011.

_____. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

SANTOS, Rafael José dos. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. *Antares: Letras e Humanidades*, n. 2, p. 2-26, 2009.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Duas mulheres de letras: representações da condição feminina*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Literatura e gênero: vetores para a formação do leitor. *Conjectura: filosofia e educação*, v. 14, n. 2, p. 145-154, 2009.